A INGESTÃO DE ÁLCOOL NA ADOLESCÊNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS NEURONAIS: o papel do educador nesse contexto

HE CONSUMPTION OF ALCOHOL BY ADOLESCENTS AND ITS CONSEQUENCES: the role of educators in this context

Daiane Elisa da Silva¹

RESUMO: O álcool é a substância mais consumida entre os jovens. Os prejuízos da utilização do álcool nesta fase podem causar sérios problemas neurobiológicos. O objetivo deste estudo foi identificar as consequências neuronais causadas pela ingestão de álcool pelos adolescentes e o papel dos pais e da escola neste contexto. Com o estudo, verificou-se que o álcool é sempre depressor do sistema nervoso central e causador de alterações orgânicas, cognitivas e comportamentais. A integração entre pais e escola será o fator determinante para ajudar este adolescente a construir sua identidade sem que o álcool seja o principal elemento para isto.

Palavras-chave: Álcool. Adolescente. Escola. Neuroquímica.

ABSTRACT: Alcohol is the most consumed substance among youths. The disadvantages of alcohol consumption at this stage include serious neurobiological problems. The aim of this study was to identify the neuronal consequences caused by alcohol consumption by adolescents, as well as the role of parents and school in this context. This study led to the conclusion that alcohol always acts as a central nervous system depressant and causes organic, cognitive and behavioral changes. The integration between parents and school will be the determining factor to help these teenagers to build their identity, preventing alcohol consumption from being the most important factor in their development.

Keywords: Alcohol. Teenagers. School. Neurochemistry.

1 INTRODUÇÃO

O álcool é a droga mais utilizada desde épocas antigas. Por ser de baixo custo e de fácil aquisição, torna-se uma das drogas mais consumidas no mundo. Dentre os aspectos relacionados ao uso do álcool estão: a associação entre o meio social favorável ao uso, em que beber é considerado comum, a baixa autoestima, a classe socioeconômica baixa, nível baixo de escolaridade, histórico familiar, genética e outras relações pertinentes.

Sendo assim, a utilização de álcool passou a fazer parte não apenas do grupo de adultos em geral, mas também de adolescentes inseridos em determinados con-

textos sociais, os quais passaram a fazer parte do grupo consumidor.

Considerando que a utilização do álcool, na maioria dos casos, é iniciada ainda na adolescência, momento em que o adolescente está se estruturando em termos biológicos, social, pessoal e emocionalmente, o impacto da bebida sobre a neuroquímica cerebral resultará em pior ajustamento social, retardando o desenvolvimento de suas habilidades e resultando em prejuízos que o acompanharão ao longo da vida; e, para completar esse processo, o seu desenvolvimento escolar também ficará prejudicado, senão à relação com os índices de evasão escolar.

¹ Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Especialista em Neurociências e Educação pelo Instituto de Educação Ivoti. E-mail: daiaster@gmail.com.

Nessa relação do adolescente com o álcool, na busca de uma identidade, com o amadurecimento e desenvolvimento cerebral, e com o meio no qual está inserido, é fundamental a participação da família e da escola no auxílio a esse sujeito que está em transformação, amadurecimento e precisa estar sob um novo olhar, uma vez que ele não tem percepção do resultado de seus atos para consigo mesmo e para com os outros.

Este processo é normal, uma vez que a ingestão de álcool procura explicar, confortar e fortalecer essas transformações ainda não compreendidas por esse adolescente. Neste caso, o papel da escola e seus educadores é fundamental para auxiliar pais e adolescentes na compreensão desse desenvolvimento. Para isso, os educadores devem ter conhecimento da importância do assunto e das consequências neuronais da utilização de álcool na vida de um adolescente.

Sendo assim, o presente artigo tem por objetivo abordar as consequências neuronais da utilização de álcool por adolescentes e a relação do papel do educador escolar nesse contexto.

2 A UTILIZAÇÃO DE ÁLCOOL POR ADOLESCENTES: BUSCA DE IDENTIDADE

A adolescência se caracteriza como um processo no qual o principal objetivo do adolescente é adquirir autonomia e independência, que são desenvolvidas através das convivências e experiências com as pessoas de seu mundo sociofamiliar. Nesse processo, em que tanto o físico quanto o neurobiológico estão em formação, incidirão fatores físicos, familiares e sociais que alterarão radicalmente o pensamento e o comportamento do adolescente, que passará a ter características peculiares em função de todas as modificações necessárias, para que a sua independência intelectual se efetive e se torne autonomia (identidade) (SCIVOLETTO, 2001).

Para a compreensão da identidade em construção dos adolescentes, partimos da premissa de que o homem é um ser social e que sua identidade se constrói a partir das relações sociais, com a família num primeiro momento e, posteriormente, com os demais grupos sociais do qual fará parte. Com a entrada no mundo adulto, o adolescente deve apropriar-se do mundo ao seu redor e, ao mesmo tempo, permanecer num certo compasso de espera em relação aos valores e normas que devem ser adquiridos (SCIVOLETTO, 2001).

A adolescência é um estágio de transição tanto para ele, o jovem, quanto para a família. Conforme Ferrarini (1980), a família precisa ser compreensiva, dar apoio, carinho e manter um diálogo aberto, mostrando

que ele tem uma estrutura para enfrentar essa transição com segurança.

Adolescência é a fase do desenvolvimento que abrange o período de transição do término do apoio relativamente total de um ou ambos os pais para a autossuficiência relativamente completa para governar a própria vida. Embora a adolescência ocorra durante toda ou parte da segunda década da vida, as idades de início e fim variam enormemente. É mais exato conceber a adolescência dentro de uma estrutura multiaxial e levar em consideração o desenvolvimento físico, psicológico e social (SCHOWALTER, 1999, p. 2356).

O adolescente busca pertencer a um grupo com o qual se identificará. Esse, por sua vez, terá a capacidade de influenciar suas ações, que estarão à prova de sua aceitação no grupo. Justamente nesse período, em que o grupo de amigos atinge importância social principal, os conflitos familiares passam a existir, fazendo com que os pais percam, em muitos casos, o poder de controle sobre os filhos, que buscam a imagem de adulto independente no grupo de amigos no qual estão inseridos, tendência natural dos adolescentes. É principalmente nesse período de crise que as drogas e o álcool entram em suas vidas.

Os adolescentes são vistos como um grupo de risco no que diz respeito ao uso de substâncias psicoativas, e a literatura, em geral, aponta que os fatores que podem levá-los a utilizar drogas são variados. Os principais deles estão relacionados às características individuais e sociais, incluindo nesta última a sociedade como um todo, a família e o grupo de pares (PRATTA; SANTOS, 2006). Por isso, a qualidade de vida familiar acaba influenciando o comportamento do jovem frente às substâncias psicoativas.

Sendo este um período de mudanças, a família tem um papel muito importante para o adolescente, uma vez que ela servirá como referencial e modelo para a sua construção. Porém, muitas vezes o adolescente não tem uma boa referência em casa, pois são os próprios pais que proporcionam situações para que o adolescente vivencie ou tenha acesso ao consumo de álcool ou até mesmo de drogas, sendo estes, os pais, grandes consumidores de álcool e, com isso, incentivadores do seu uso como maneira de aproximação, de amadurecimento, não considerando os riscos negativos, desconhecendo os malefícios que o álcool pode trazer a este jovem em formação (LUZ; GOMES, 2013).

A inclinação para beber é fortemente ligada por um conjunto de fatores que levam este adolescente ao uso de álcool, simplesmente por pressões de grupos de

amigos, ou situações vivenciadas desde criança, como dificuldades na infância. Filhos de famílias desestruturadas ou conflituosas com características rejeitadoras ou primitivas, filhos de pais que bebem ou usam drogas para baixar a tensão, com histórias familiares com problemas de dependência de álcool serão, sem dúvidas, mais suscetíveis ao consumo de bebidas alcoólicas (PRATTA; SANTOS, 2006).

Podemos dizer que o adolescente realiza três lutos fundamentais: a) o luto pelo corpo infantil perdido, base biológica da adolescência, que se impõe ao indivíduo que não poucas vezes tem que sentir suas mudanças como algo externo, frente ao qual se encontra como espectador impotente do que ocorre no seu próprio organismo; b) o luto pelo papel e a identidade infantis, que o obriga a uma renúncia da dependência e a uma aceitação de responsabilidades que muitas vezes desconhece; c) o luto pelos pais da infância, os quais persistentemente tenta reter na sua personalidade, procurando o refúgio e a proteção que eles significam, situação que se complica pela própria atitude dos pais, que também têm que aceitar o seu envelhecimento e o fato de que seus filhos já não são crianças, mas adultos, ou estão em vias de sê-lo (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 10).

Atualmente, os jovens ingerem álcool cada vez mais precocemente. Adolescentes a partir de 12 anos já estão consumindo álcool sem saber as consequências dessa atitude. Justamente pelo fato da adolescência ser um período de transição entre a infância e a vida adulta, não há dúvida de que há uma insegurança imensa, o que leva a uma necessidade de ingestão de algum tipo de substância que lhes proporcione, ainda que provisoriamente, uma segurança para atravessar este período de transição (LUZ; GOMES, 2013).

Conforme Reis e Rodrigues (2003), um dos aspectos que deve ser analisado é o contexto sociocultural dos adolescentes que aprendem a beber cedo e “mal”, embriagando-se, presenciando também, em suas casas, cenas de embriaguez como algo natural, relacionando isso a conceitos de masculinidade, coragem e valentia. Esse tipo de convivência social faz com que pesquisas na área da saúde revelem dados significativos quanto à utilização precoce de álcool por adolescentes.

Os adolescentes costumam buscar uma série de justificativas para o uso de drogas, acreditando que possuem o controle da situação e podem parar no momento em que desejarem (PRATTA; SANTOS, 2006). As justificativas mais comuns ressaltadas por Drummond e Drummond Filho (1998) são as necessidades de estimulação ou de calma, de dormir ou de manter-se acor-

dado, de emagrecer ou engordar, esquecer ou memorizar, fugir ou enfrentar, suportar situações difíceis ou a rotina, inspirar ou relaxar, sentir prazer, aliviar a dor, a depressão ou qualquer outro sentimento.

Outro fator que estimula o consumo é a crescente competição pelo êxito material. Por conseguinte, os jovens que são inseguros ou instáveis emocionalmente buscam no álcool um refúgio contra a realidade de uma vida competitiva.

A prevenção de uma adolescência difícil deve ser procurada com a ajuda de trabalhadores de todos os campos do estudo do homem que investiguem para a nossa sociedade atual as necessidades e os limites úteis que permitem a um adolescente desenvolver-se até um nível adulto. Isso exige um clima de espera e compreensão, para que o processo não se demore nem se acelere. É um momento crucial na vida do homem e precisa de uma liberdade adequada, com a segurança de normas que lhe possam ir ajudando a adaptar-se às suas necessidades ou a modificá-las, sem estar em conflitos graves consigo mesmo, com seu ambiente e com a sociedade (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 22-23).

Scivoletto (2001) destaca que os adolescentes raramente procuram ajuda especializada para os problemas gerados e relacionados ao consumo de álcool/drogas. Frequentemente, eles até admitem que apresentam problemas de relacionamento com os pais, desinteresse pela escola e queda no rendimento escolar, mas, para eles, esses problemas são causados pela incompreensão por parte dos pais e professores. O uso de álcool e outras drogas é, muitas vezes, citado como um detalhe frente a tantos problemas. Nesses casos, é frequente ouvir dos adolescentes que eles usam essas substâncias por escolha própria e são capazes de controlar o uso se quiserem, revelando, assim, a onipotência, característica típica desta faixa etária.

O fato do adolescente ter a curiosidade e a necessidade de ingerir bebida alcoólica em demasia vem ao encontro do ambiente familiar em que está inserido e também ao fato de querer viver novas experiências, sentir novos prazeres, construir sua própria imagem de personalidade independente nas relações interpessoais, sem saber, ao certo, o risco que estas manifestações podem lhe causar.

Jaffe (1999) afirma que os filhos de pais alcoólicos apresentam maior risco para o desenvolvimento de alcoolismo e dependência de drogas do que os filhos de pais não alcoólicos. O autor também constata que o risco aumenta, em parte, devido aos fatores ambientais.

Em relação ao alcoolismo, embora o autor reconheça que esse pode desenvolver-se na ausência de uma história familiar detectável, ele alerta que o risco da influência hereditária é grande, uma vez que as pessoas dependentes de álcool apresentam um risco muito maior de desenvolver outras variedades de dependência química. Por outro lado, alguns fatores genéticos podem agir, também, para diminuir a vulnerabilidade ao alcoolismo.

USO NOCIVO E CRÔNICO DE ÁLCOOL

Os jovens que ingerem álcool, cada vez mais cedo e de forma intensa, podem apresentar problemas de saúde, inclusive psíquicos, ainda mais precocemente. No que se refere à dependência de álcool, a história típica de seu desenvolvimento ocorre ao longo de alguns anos. Em geral, o indivíduo começa a beber no período da adolescência ou no início da idade adulta e vai aumentando de maneira progressiva a quantidade e a frequência de consumo com o passar do tempo (ALMEIDA; PASA; SCHEFFER, 2009).

É interessante salientar que existem parâmetros no consumo de álcool entre o normal e o anormal. O consumo considerado normal se refere ao uso diário às refeições ou em ocasiões sociais e rituais. O uso moderado de bebidas é aceito socialmente e faz parte do cotidiano; contudo, o tipo e a quantidade de álcool, a situação em que é consumido e a pessoa que o consome são aspectos rigidamente controlados por regras e sanções sociais. No consumo anormal, tais costumes são transgredidos. A ingestão de álcool é frequentemente excessiva, o que resulta num comportamento descontrolado e embriagado. O limite entre o consumo normal e o anormal não é bem definido, dependendo da cultura e das condições sociais e ideológicas do indivíduo (HELMAN, 1994).

Silva (1998) relata que para cada alcoolista no Brasil existem em torno de cinco a dez pessoas sofrendo os efeitos da doença, sendo que as primeiras consequências atingem os familiares, ampliando-se para as relações sociais, econômicas, culturais, intelectuais, emocionais e biológicas. O impacto na família manifesta-se principalmente pela ruptura e desorganização das relações interpessoais, com prejuízo no desenvolvimento das pessoas, na qualidade de vida e saúde dos que convivem com o problema.

De acordo com Reis e Rodrigues (2003), os dados estatísticos do mundo inteiro revelam que o número de adolescentes que ingerem qualquer tipo de bebida alcoólica está aumentando, independentemente de situa-

ção socioeconômica e educacional. O problema do uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas tem início na adolescência, pela ação de múltiplos fatores que atuam nessa fase da vida sobre um campo genético predisponente e o meio no qual o jovem está inserido.

O uso nocivo de álcool, na maioria das vezes iniciado ainda na adolescência, momento em que o adolescente está se estruturando em termos biológicos, sociais, pessoais e emocionais, incide num grande impacto sobre a neurobioquímica cerebral, resultando em um pior ajustamento social e no retardo do desenvolvimento de suas habilidades, ocasionando prejuízos que o acompanharão ao longo da vida (ALMEIDA; PASA; SCHEFFER, 2009).

A dependência é caracterizada, sobretudo, pela perda de controle sobre o uso da substância, a qual se manifesta pelo consumo persistente e compulsivo, mesmo na vigência de problemas significativos decorrentes do uso. O quadro, em geral, é acompanhado de tolerância e necessidade de consumo cada vez maior para obter o efeito desejado (HELMAN, 1994).

3 OS EFEITOS DO ÁLCOOL NO CÉREBRO JOVEM E O SISTEMA NERVOSO CENTRAL

O álcool tem ação no sistema nervoso central e causa alterações orgânicas, cognitivas e comportamentais em ambos os sexos. Conforme o tempo de uso e a quantidade ingerida, graves prejuízos à saúde podem se intensificar e tornar-se irreversíveis, impactando negativamente na qualidade de vida da pessoa (ALMEIDA; PASA; SCHEFFER, 2009).

Quando o álcool é ingerido em grandes quantidades, há a chance de vários órgãos e sistemas do corpo serem danificados, pois é um tipo de substância que se distribui regularmente por todo o organismo. Ao atingir o sistema nervoso central, a substância pode causar diversos problemas neurológicos e psiquiátricos – sobretudo nos jovens, cujo sistema ainda está em formação –, desde problemas de ansiedade e depressão até problemas irreversíveis de memória (NIEL; JULIÃO; SILVEIRA, 2008).

No início da adolescência, por volta dos 12 anos, o cérebro inicia uma série de mudanças, pois é a partir dessa idade aproximada que começam os processos de reconstrução e finalização da formação cerebral. Há redução de substância cinzenta, à medida que as conexões neuronais são refinadas; aos 16 anos, o cérebro ainda está em desenvolvimento, sendo mais sensível às drogas como o álcool; aos 20 anos, as mudanças causadas

pelo uso de algumas substâncias têm probabilidade maior de serem retidas e ficarem registradas como drogadição ou alcoolismo até a idade adulta, uma vez que é nesta idade aproximada que se encerra a formação cerebral (NIEL; JULIÃO; SILVEIRA, 2008 apud LUZ, 2013).

Estudos alertam para as consequências no cérebro do consumo exagerado de álcool na adolescência. Além do impacto social provocado pelo abuso de álcool, pesquisas da área da neurobiologia apontam para efeitos nada positivos da exposição repetida às bebidas alcoólicas na adolescência. O cérebro dos jovens continua em desenvolvimento, e há um refinamento das conexões neuronais nesse período. Verificou-se, por exemplo, que os jovens com histórico de consumo pesado de álcool apresentam o hipocampo bem menor que seus pares mais sóbrios. Essa estrutura cerebral integra o sistema límbico e é crucial para o aprendizado e a consolidação de memórias recentes. Experiências indicam que os adolescentes seriam mais vulneráveis aos efeitos prejudiciais do álcool sobre o aprendizado e a memória, mas, ao mesmo tempo, menos suscetíveis aos efeitos sedativos e sobre a coordenação motora provocados pela bebida (NIEL; JULIÃO; SILVEIRA, 2008).

Niel, Julião e Silveira (2008) ainda acrescentam outra consequência: os jovens que abusam da bebida usam o cérebro de forma diferente que os demais, a fim de compensar pequenos danos neuronais. Um estudo usando imagens de ressonância magnética funcional de 2004 demonstrou que os adolescentes que bebiam muito apresentavam maior ativação das regiões parietais durante testes que avaliavam a capacidade espacial, enquanto outras regiões cerebrais eram menos ativadas – um reflexo de que seria necessário o recrutamento de neurônios de novas áreas para compensar a ativação reduzida de outras.

O principal neurotransmissor com funções inibitórias no cérebro é o GABA. O etanol (álcool) acentua efeitos do GABA sobre seus receptores celulares em diversas áreas do cérebro. Alguns efeitos do álcool, como a falta de coordenação e o efeito ansiolítico, são mediados por esta interação entre o etanol e os receptores do GABA. O etanol é um potente inibidor do receptor NMDA (N-metil-D-aspartato) ao aminoácido excitatório glutamato (LOPES; MAGALHÃES, 2009).

O núcleo accumbens faz parte do sistema de recompensa do cérebro, e os maestros desse sistema são os neurotransmissores GABA e a dopamina, sendo esta última responsável pela sensação de prazer e o GABA, inibidor, evitando que os neurônios sejam estimulados,

com a presença do álcool. O cérebro aumenta a produção de dopamina e a potencialização do GABA. O registro na memória do estímulo de prazer é intenso, o que faz com que o cérebro queira repeti-lo (LOPES; MAGALHÃES, 2009).

Uma das regiões do cérebro chamada hipocampo, que faz parte do sistema límbico e é responsável pela navegação espacial e pela memória, é fortemente atingida pelo álcool absorvido pelos adolescentes. Em jovens, este sistema está em formação e seu desenvolvimento mais acentuado ocorre no final da adolescência. Assim, o álcool provoca danos irreparáveis na memória e no aprendizado dos jovens (SOARES, 2006).

Um mecanismo que pode ser responsável pelo significado anormal associado com os incentivos relacionados ao álcool é a natureza não adaptativa da estimulação induzida pelo álcool na transmissão dopaminérgica no núcleo accumbens. A liberação aumentada de dopamina no núcleo accumbens induzida por reforçadores comuns (p. ex. comida) rapidamente induz habituação, e a apresentação repetida do estímulo não mais induz a liberação de dopamina. Em contraste, nenhuma habituação ocorre após o consumo repetido do álcool. Como resultado da persistente liberação de dopamina no núcleo accumbens em resposta ao álcool, o estímulo associado ao álcool adquire um significado emocional e motivacional anormal que resulta no controle excessivo sobre o comportamento do alcoólatra. Esse controle excessivo constitui a essência da dependência (SILVA, 2010).

4 FAMÍLIA X ESCOLA: AUXILIANDO O ADOLESCENTE

Desde as duas últimas décadas do século XX, o trabalho de prevenção contra as drogas vem passando por um processo de evolução de um modelo cujas ações e diretrizes, anteriormente, se centravam no tratamento e na internação, intervenção e repressão para o enfoque na educação e saúde, com valorização da vida e participação da família e escola (OLIVEIRA; BITTENCOURT; CARMO, 2008). É a integração da escola com a família e a comunidade que determina o grau de abrangência e o alcance dos objetivos necessários para um desenvolvimento social pleno (FERREIRA et al., 2003).

De acordo com Sudbrack e Dalbosco (2005), embora reforcem que a escola também possa favorecer o desenvolvimento de potencialidades deste adolescente, tornando-se um fator de proteção, diante das frustrações expressas pelos jovens, o apoio familiar praticamente

inexiste, tornando os jovens, conseqüentemente, cada vez mais vulneráveis às situações de risco.

Muitas vezes, a família não favorece uma situação de escuta para o jovem. Sendo assim, a escola pode ser esse espaço, não no sentido de aconselhar e dizer o que deve ser feito ou como se deve proceder em determinada situação mas, através de sua escuta, pode fazer com que este adolescente se conscientize de seus problemas, consiga falar sobre eles e encontre alternativas para resolvê-los, ou até mesmo que ele aprenda a conviver com suas frustrações.

Nessa perspectiva, observa-se que a família, como instituição cuidadora de seus membros e responsável pela transmissão de valores éticos e morais, é de indiscutível relevância como instituição capaz de contribuir para a prevenção frente aos inúmeros problemas acarretados pelas drogas. Para desenvolver projetos de atenção à família, o ponto de partida é olhar para esse agrupamento humano como um núcleo em torno do qual as pessoas se unem, primordialmente, por razões afetivas, dentro de um projeto de vida em comum, em que compartilham o cotidiano e, no decorrer das trocas intersubjetivas, transmitem tradições, planejam seu futuro, acolhem-se (OLIVEIRA; BITTENCOURT; CARMO, 2008).

Ao comentar os aspectos que envolvem o processo adolescente, estrutura e dinâmica que abarca o adolescente como sua família e a sociedade, quero considerar novamente que esta experiência evolutiva se realiza em um momento em que a sociedade sofre intensas e rápidas transformações (talvez, melhor dito, um conjunto de rupturas) de uma série de paradigmas (ideias, valores morais e estéticos, processos de pensamento etc.) que podem ser considerados dentro do conflito “Modernidade *versus* Pós-modernidade” (OUTEIRAL, 2008, p. 117).

Porém não se pode esperar que o educador assumira o papel que é o da família, pois ela é, ou deveria ser, o maior dentre todos os fatores educativos. É na família que está a primeira escola. É interessante que o professor se interesse por seu aluno, reforçando sua autoestima, motivando-o para uma vida segura, oferecendo conhecimentos para a vida e auxiliando-o a desenvolver seus potenciais sociais. A família e a escola devem trabalhar juntas nesse processo.

4.1 PAPEL DA FAMÍLIA

Estudos realizados com adolescentes que consomem drogas têm demonstrado que diversos aspectos do universo familiar podem atuar como fatores que propiciam o envolvimento dos adolescentes com substâncias

psicoativas, todavia, não se pode negar que existem aspectos deste mesmo contexto que podem funcionar como fatores preventivos. No caso do domínio familiar, aspectos como fortes vínculos familiares, a qualidade dos mesmos, o relacionamento positivo, o estabelecimento de regras e limites claros e coerentes, o monitoramento e a supervisão, o apoio, a negociação e a comunicação, convencimento e equilíbrio são considerados como fatores que protegem o adolescente do uso de drogas, uma vez que quanto mais fortes forem tais fatores, menor será, por exemplo, a influência do grupo de usuários sobre o indivíduo (PRATTA; SANTOS, 2006).

Segundo Bronfenbrenner (1996), as relações familiares apresentam três características primordiais: a reciprocidade, o equilíbrio de poder e o afeto. Considerando-se esses três elementos, diversas pesquisas têm ressaltado a importância da interação entre pais e filhos e das práticas educativas utilizadas pelos genitores para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, uma vez que se tem observado hoje que os pais encontram-se, muitas vezes, sem uma direção para seguir, não conseguindo definir como devem agir com seus filhos, qual a forma correta para se posicionar frente aos mesmos nas mais diversas situações cotidianas; ou seja, os pais estão sem parâmetros para definir os critérios de educação dos filhos.

Não há melhor escola de formação cultural, social e psicológica que o próprio lar. As teorias psicológicas de diversas matrizes e diferentes orientações poderão servir como base estrutural científica, educacional, formativa para jovens e adultos, especialmente para aqueles comprometidos com a responsabilidade de orientar novas gerações. Mas nada há que exceda, em sua capacidade configuracional de definição da personalidade do indivíduo, o exemplo do comportamento de seus próprios pais, desde o começo da sua vida (BALTAZAR; MORETTI; BALTHAZAR, 2006, p. 45).

Os pais com menor probabilidade de terem filhos adolescentes envolvidos com drogas ou que desenvolvam condutas antissociais são aqueles que estabelecem uma boa relação afetiva e de apego com os filhos, que não consomem nenhum tipo de drogas e não possuem atitudes convencionais ou de conformidade com as normas sociais estabelecidas, entre elas a intolerância com as drogas. Dessa forma, pode-se verificar que o bom funcionamento familiar, que tenha coesão e adaptabilidade moderadas, correlaciona-se positivamente com os fatores protetores e preventivos do consumo de drogas na adolescência (PRATTA; SANTOS, 2006).

A dependência está intimamente relacionada ao

papel da família, ou seja, a qualidade da vida familiar é que estabelece o comportamento do jovem frente às substâncias psicoativas. Pois falar do papel da família, no que diz respeito a comportamentos preventivos e de risco em relação ao consumo de drogas pelos adolescentes, é algo complexo. Isso porque a família fornece modelos e influencia diretamente os padrões de conduta dos indivíduos, principalmente, se estes estiverem em processo de desenvolvimento, buscando definir os contornos de sua identidade e organizando seu sistema de valores, como no caso da adolescência (PRATTA; SANTOS, 2006).

Os autores ressaltam ainda que não é a quantidade de tempo disponível por parte dos pais que vai determinar como o adolescente vai vivenciar e enfrentar as inseguranças próprias desta fase, mas sim a qualidade no tempo de que dispõem para ficarem juntos. O essencial é a presença dos pais no cotidiano dos adolescentes, pois eles necessitam perceber que os pais se preocupam com eles, que existe uma identidade familiar e que os problemas são enfrentados no grupo (PRATTA; SANTOS, 2006). Nesse contexto, um dos veículos, e talvez o primordial, para que as relações entre pais e filhos sejam de qualidade é o diálogo. Tal elemento assume um papel ainda mais importante, apesar de, muitas vezes, os adolescentes se fecharem em seu mundo, podendo funcionar como um facilitador para o estabelecimento de um clima de bem-estar e harmonia nas famílias com filhos adolescentes (PRATTA; SANTOS, 2006).

Entretanto, o diálogo entre pais e filhos deve funcionar como uma troca, e não ser encarado como uma cobrança, um controle da vida do adolescente. Dialogar envolve tanto o expor ideias quanto o saber ouvir, abre a possibilidade de negociação, em que o “negócio” passa a ser o bem-estar e a qualidade de vida familiar e, principalmente, a do adolescente (DRUMMOND; DRUMMOND FILHO, 1998).

Drummond e Drummond Filho (1998) salientam ainda que, além do próprio diálogo, quando a família busca desde cedo estabelecer relações de respeito, confiança, afeto e civilidade entre seus membros, ela tende a lidar com a adolescência de forma mais adequada e com menor dificuldade do que uma outra na qual tais valores não foram praticados.

4.2 PAPEL DA ESCOLA E SEUS EDUCADORES

A construção da identidade do adolescente nesta fase transcende apenas a questão das crises e rupturas, aparecendo também como um momento de vulnerabilidade e fragilidade em relação ao social. Esse quadro exige uma atenção maior aos fatores de risco e proteção

dos adolescentes em relação ao uso indevido de drogas, pois é nesta fase que a busca fica mais evidente; por isso, tem papel importante não apenas a família, mas também a escola, que aparece com lugar de destaque enquanto fator de formação e de socialização dos adolescentes (SCIVOLETTO, 2001).

A escola constitui um referencial estruturante nesta fase importante da formação da personalidade que é a adolescência e, por este motivo, deve contemplar em seu projeto pedagógico atividades que promovam o amadurecimento do jovem, como, por exemplo, atividades artísticas e de expressão que despertem no jovem sua autonomia e confiança. Cabe, pois, à escola, além das ações específicas da escolarização, assumir um papel de instância formadora e de preciosa influência sobre a pessoa do adolescente em desenvolvimento (SUDBRACK; DALBOSCO, 2005).

Aos educadores cabe, pois, além das tarefas pedagógicas, a função de oferecer a confiança de que o jovem necessita em seu momento de incertezas, angústias, instabilidade e necessidade de afirmação (SUDBRACK; DALBOSCO, 2005). Na medida em que os professores representam um prolongamento de suas relações com a autoridade, a postura do jovem frente aos mesmos tenderá a ser, igualmente, permeada de conflitos e ambivalências. Se, por um lado, estão buscando segurança e proteção, precisam também confrontá-los, questioná-los. Por esta razão, a possibilidade de exercitar sua postura crítica aos modelos de autoridade e de receber o retorno dos mesmos numa relação sincera e de respeito constitui-se como ingrediente fundamental para a formação de uma postura crítica madura (SUDBRACK; DALBOSCO, 2005).

Como visto, a escola desempenha um papel fundamental na formação dos indivíduos, que vai além de sua função de instrução, visto que ela atua também na construção das relações sociais proporcionadas pela interação destes dentro do ambiente escolar. Assim, nota-se que a formação do sujeito autônomo, capaz de construir-se a si mesmo, deve ser estabelecida com base em situações reais em que o indivíduo convive diariamente (ambientais, sociais, políticas, de saúde, dentre outras) e que envolvam a comunidade. Todavia, atualmente existe uma problemática que está perpassando todos os ambientes sociais e que vem se refletindo no contexto escolar: as drogas.

Quando o assunto são as drogas, antes de começar a se desorganizar e a cair seu rendimento escolar, o aluno modifica seu comportamento e a escola consegue perceber essa mudança. Os pais nem sempre estão aten-

tos a essa possibilidade, pois, como observadores envolvidos, ficam anestesiados para pequenas mudanças do dia a dia. Assim, uma vez notada qualquer alteração, é dever da escola informar os pais o quanto antes, porque a droga é uma pandemia que não respeita famílias, escolas nem a sociedade (TIBA, 2007).

Cabe à escola, com seu corpo docente, implementar em seu currículo escolar programas, projetos, seminários que colaborem com a formação e o conhecimento acerca do assunto, com o objetivo de sensibilizar os estudantes sobre a utilização das drogas ilícitas e lícitas e difundidas no meio, bem como fornecer esclarecimentos sobre as consequências do uso das mesmas, como os riscos e o descaso pela vida que significam.

A promoção de palestras, encontros ou debates com profissionais da saúde, não só para os jovens, mas extensivos às famílias, tem propósitos eficazes na medida em que os participantes, encorajados a expor suas ideias, mudam seu ponto de vista e tornam-se mais conscientes.

Como Gauderer (1998, p. 236) acrescenta:

Como profissionais de educação e saúde e pertencentes a uma elite privilegiada, por ser mais educada, informada e pensante, temos a função muito clara de prevenir doenças através da educação da população. Temos a obrigação de estimular debates nesse setor para atingir uma conscientização de toda uma população, não só infantil e de adolescentes, mais também de pais.

Apesar do esforço da escola com seus programas de prevenção contra problemas como o alcoolismo, não se pode subestimar a influência da comunicação na mídia sobre as drogas lícitas em relação aos adolescentes. Ao educador cabe também auxiliar, conscientizar e alertar os pais para que se aproximem de seus filhos nessa fase tão conturbada de suas vidas, destacando sempre a importância da família e da manutenção de uma convivência familiar saudável, em suas formações. E aos pais cabe ensiná-los a distinguir entre o certo e o errado, fazendo-se presentes em qualquer que seja o caminho tomado pelo filho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo demonstra que o adolescente utiliza cada vez mais precocemente o álcool, seja pela busca de identidade, por não se sentir aceito em um determinado grupo, por buscar no álcool a solução para os seus problemas que vivencia em casa ou, até mesmo, pelo fato de os pais em casa serem a porta de entrada para a nova experiência.

O fato da ingestão do álcool pelo adolescente ser um problema está ligado à sua formação cerebral, uma vez que o seu cérebro está terminando o seu desenvolvimento nessa faixa etária e, com isso, sérias lesões podem surgir e, até mesmo, tornar-se irreversíveis se a ingestão do álcool vir a ser crônica. O álcool é sempre depressor do sistema nervoso central e causa alterações orgânicas, cognitivas e comportamentais em ambos os sexos – sobretudo nos jovens, cujo sistema ainda está em formação – desde problemas de ansiedade e depressão até problemas irreversíveis de memória.

Entretanto, percebe-se que a qualidade de vida familiar é o que estabelece o comportamento do jovem frente às substâncias psicoativas, uma vez que ela servirá como referencial e modelo para a sua construção.

A escola, assim como a família, exerce um papel de extrema importância. Por trabalhar com crianças e jovens, tem a responsabilidade de formar cidadãos conscientes e atuantes no meio, mas é a integração da escola com a família e a comunidade que determina o grau de abrangência e o alcance dos objetivos necessários ao desenvolvimento social.

Sobre a família e a escola trabalharem juntas para auxiliar o adolescente nessa fase de transformação da sua vida, observa-se que o diálogo e a escuta são o caminho para a aproximação desse jovem que quer e precisa construir sua identidade da melhor forma, sem precisar usar o álcool como meio de formação intelectual e social.

Todo o exposto demonstra que quanto maior o número de fatores de proteção, família e escola, menor será o consumo de drogas pelos adolescentes, e quanto mais os fatores de risco forem potencializados, maior a prevalência do consumo.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- ALMEIDA, Rosa Maria Martins; PASA, Graciela Gema; SCHEFFER, Morgana. Álcool e violência em homens e mulheres. **Psicologia**: reflexão e crítica, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 252-2006, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722009000200012&script=sci_arttext>. Acesso em: 17 set. 2013.
- BALTAZAR, José A.; MORETTI, L. H. T.; BALTHAZAR, Maria C. **Família e escola**: um espaço interativo e de conflitos. São Paulo: Arte e Ciência, 2006.
- BILAC, Elizabete Dória. Família: algumas inquietações. In: CARVALHO, M. **A família contemporânea em debate**. 2. ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 1997. p. 30-49.

- BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- DRUMMOND, M.; DRUMMOND FILHO, H. **Drogas: a busca de respostas**. São Paulo: Loyola, 1998.
- FERRARINI, Edson. **O que devem saber pais, professores e jovens: tóxico e alcoolismo**. 2. ed. São Paulo: Edição do Autor, 1980.
- FERREIRA, Berta Weil et al. **Psicologia e educação: desenvolvimento humano, adolescência e vida adulta**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- GAUDERER, Christian. **Crianças, adolescentes e nós: guia prático para pais, adolescentes e profissionais**. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.
- HELMAN, C. G. **Cultura, saúde e doença**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- JAFFE, J. H. Transtornos relacionados a substâncias. In: KLAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J. (Org.). **Tratado de psiquiatria**. v. 1. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- LOPES, Adriana Dias; MAGALHAES, Naiara. A bóia da prevenção. *Veja*, São Paulo, v. 42, n. 2129, 9 set. 2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/090909/boia-prevencao-p-86.shtml>>. Acesso em: 01 jul. 2014.
- LUZ, Heidi Maria Belau; GOMES, Cármen Marilei. **O uso do álcool por jovens e suas consequências**. Disponível em: <<https://psicologia.faccat.br/moodle/pluginfile.php/197/course/section/101/heide.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2013.
- NIEL, Marcelo; JULIÃO, Alessandra Maria; SILVEIRA, Dartiu Xavier. Propensos ao excesso. *Revista Mente e Cérebro: o olhar do adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta*, São Paulo, n. 4, 2008.
- OLIVEIRA, Elias Barbosa; BITTENCOURT, Leilane Porto; CARMO, Aila Coelho. **A importância da família na prevenção do uso de drogas entre crianças e adolescentes: papel materno**. 2008. Disponível em: <www.revistas.usp.br/smad/article/view/38673>. Acesso em: 20 out. 2013.
- OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer: estudos sobre adolescência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.
- PETTA, Ana Cecília; MARQUES, Roseli; CRUZ, Marcelo. O adolescente e o uso de drogas. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, n. 22, supl. 2, p. 32-36, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22s2/3794.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2013.
- PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio. Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: um estudo bibliográfico. *Estudos de Psicologia*, v. 11, n. 3, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v11n3/09.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2013.
- REIS, Nelzir Trindade; RODRIGUES, Claudia Santos. **Nutrição clínica: alcoolismo**. Rio de Janeiro: Rubio, 2003.
- SCHOWALTER, J. E. Desenvolvimento adolescente normal. In: KLAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J. (Org.). **Tratado de psiquiatria**. v. 3. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 2356-2362.
- SCIVOLETTO, S. Tratamento psiquiátrico de adolescentes usuários de drogas. In: FOCCHI, G. R. A. et al. **Dependência química: novos modelos de tratamento**. São Paulo: Editora Roca, 2001. p. 65-86.
- SILVA, Mara Regina S. **Família e alcoolismo: em busca do conhecimento**. 1998. Dissertação (Mestrado em Assistência de Enfermagem) – Rede de Pós-Graduação em Enfermagem da Região Sul, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 1998. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/112110/104920.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 23 maio 2014.
- SILVA, Moises Tolentino Bento da et al. Álcool e nicotina: mecanismos de dependência. *Revista Neurociências*, v. 18, n. 4, p. 531-537, 2010. Disponível em: <<http://www.revistaneurociencias.com.br/edicoes/2010/RN1804/363%20revisao.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2013.
- SOARES, Ronaldo. Inimigo íntimo. *Veja*. São Paulo, v. 39, n. 1985, 6 dez. 2006. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/061206/p_096.html>. Acesso em: 01 jul. 2014.
- SUDBRACK, Maria Fátima Olivier; DALBOSCO, Carla. Escola como contexto de proteção: refletindo sobre o papel do educador na prevenção do uso indevido de drogas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 2., 2005, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200082&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 13 maio 2013.
- TIBA, Içami. **Juventude & drogas: anjos caídos**. São Paulo: Integre Editor, 2007.